

OS ÁRABES

*“Conquistada a Espanha, Muça... dividiu o território da Península entre os militares que vieram à conquista, da mesma maneira que entre eles distribuía os cativos e os demais bens móveis arrecadados como presa. Então deduziu o quinto das terras e dos campos cultivados, do mesmo modo que deduzira antes o dos cativos e objetos móveis... Quanto aos outros cristãos que estavam em lugares inacessíveis e nos montes elevados, Muça...deixou-lhes os bens e o uso de sua religião, mediante o pagamento de um tributo...”*⁷

Ibne Mozaine, historiador

Na Idade Média, em um curto espaço de tempo, menos de cem anos, os árabes, estimulados por uma nova religião, construíram um imenso império e forjaram uma nova civilização.

No final do século VI, os árabes não pareciam destinados a um futuro tão auspicioso. A Península Arábica, onde viviam, era predominantemente desértica, com exceção de uma estreita faixa de terras ao longo do Mar Vermelho, conhecida como o “Hedjaz”. Na parte desértica, tribos nômades pastoreavam, não sendo incomum sangrentos conflitos pelo controle de poços de água ou oásis. No “Hedjaz” predominavam populações sedentárias, que, ao longo do tempo, desenvolveram uma pujante economia mercantil; as cidades de Meca e Yathrib, rotas de caravanas, eram os dois principais centros comerciais.

Na Arábia não havia um poder político ou uma religião que unificasse seus habitantes. Esses se encontravam divididos em tribos ou clãs (às vezes rivais), professando religiões politeístas. Alá era a principal divindade, secundado por muitas outras. Na Caaba, um templo localizado em Meca, encontravam-se os principais ídolos. Entre esses destacava-se uma pedra meteórica negra, que teria vindo milagrosamente do céu.

Na primeira metade do século VII, esse ambiente seria drasticamente transformado por Maomé (Muhammad), que dizia ser profeta de Alá. Maomé nasceu em Meca, em 570; fazia parte de uma família pobre da tribo dos Coraixitas, esta de grande influência local. Na juventude tornou-se caravaneiro, passando a percorrer regiões habitadas por cristãos, judeus e persas, de quem sofreu influências religiosas. No ano de 610, Maomé teria recebido do anjo Gabriel revelações divinas, semelhantes às que o Deus dos hebreus, Jeová, concedera a Moisés e a outros profetas. Nas revelações, o anjo Gabriel anunciava que Maomé fora escolhido por Alá para redimir a humanidade, o que deveria ser feito por meio de uma reforma moral.

⁷ apud FREITAS, 1977, v.1.

Maomé começou então a pregar uma nova religião, cujos preceitos encontram-se em um livro: o Corão. Este contém as revelações que Alá teria feito a Maomé, as quais regulam a doutrina e codificam a vida civil e social islâmica.

Alguns preceitos do Corão motivaram a expansão militar árabe que se seguiu à morte do profeta, pois justificam a guerra contra povos não islâmicos. Isso decorreu porque o livro sagrado islâmico assenta a existência de um só Deus (Alá), e que todos a Ele devem se submeter (a palavra Islã, que deu nome à religião islâmica, significa submissão total à vontade de Alá; o termo muçulmano, que designa quem professa a religião islâmica, provém do mesmo verbo que deu origem a palavra Islã). O Corão estabelece, também, que todos os muçulmanos são irmãos, não devendo lutar entre si, pois fazem parte da “Umma” (comunidade muçulmana). Afirma a existência de duas “Casas”: a da “Submissão” e a da “Guerra”. Na Casa da Submissão, cujos limites coincidem com os da “Umma”, encontram-se os muçulmanos, independentemente de etnias. Na “Casa da Guerra” ficam os infieis, ou seja, os que não estão submetidos à vontade de Alá. Estes devem ser combatidos através da “Jihad” (Guerra Santa), até que a “Casa da Guerra” se extinga (toda a humanidade, então, seria composta por muçulmanos). Ainda no Corão, consta a promessa de que os combatentes que morrem lutando pelo Islã têm assegurado o ingresso ao paraíso.

No início, porém, as palavras de Maomé não foram aceitas por todos os árabes, pois a religião monoteísta confrontava-se com a prática politeísta que até então vigorava. Em 622, Maomé e seus seguidores foram obrigados a fugir de Meca para Yathrib, no episódio que ficou conhecido como “Hégira” (Partida). Em Yathrib, que teve seu nome mudado para Medina (cidade do profeta), Maomé se fortaleceu. Tornou-se governador, iniciando uma “Jihad” contra seus inimigos. Em 630, o profeta voltou a Meca, onde eliminou seus inimigos e destruiu os ídolos (manteve somente a pedra negra, que passou a simbolizar Alá). Maomé morreu em 632, deixando propagada sua doutrina, que unificava de forma política e religiosa os árabes.

Os sucessores imediatos de Maomé (califas) seguiram as palavras do Corão, iniciando as “Guerras Santas” que deveriam por fim à “Casa da Guerra”. Em 720, os árabes já dominavam, entre outras regiões, a Síria, a Palestina, a Pérsia, o norte da África e grande parte da Península Ibérica. Nesse período combateram sassânidas, bizantinos, berberes e visigodos, entre outros povos. A fraqueza dos Impérios Sassânida e Bizantino, esgotados por lutarem um contra o outro, favoreceu a rápida expansão árabe.

Tais conquistas foram realizadas por exércitos em geral pouco organizados, instruídos e equipados, mas com grande força moral. Os grupos de combatentes seguiam as diretrizes de um líder geral. O núcleo das forças árabes era uma cavalaria leve de grande mobilidade. Os cavaleiros desprezavam equipamentos de proteção; montavam pequenos cavalos do deserto, de grande agilidade e energia; e armavam-se com arcos, cimitarras (espadas curvas e afiladas), lanças, dardos e punhais.



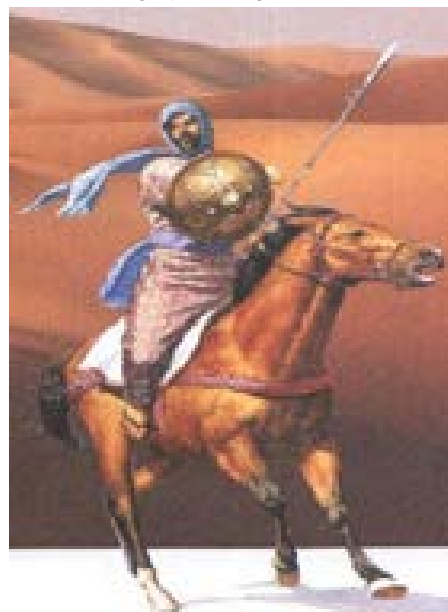
A infantaria possuía armamentos semelhantes aos da cavalaria, tendo um papel secundário, de apoio. As duras condições de vida no deserto faziam com que os árabes se tornassem combatentes de grande rusticidade. Desde criança, preparavam-se para o combate, aprendendo a montar e manejar armamentos.

A maior virtude dos árabes, decisiva na expansão do islamismo, foi a elevada força moral que a religião lhes conferia durante os combates. Movidos pela promessa de que a morte em combate na defesa do Islã os levaria ao paraíso, os árabes lançavam-se sem medo, de forma fanática e violenta, sobre o inimigo, surpreendendo-o.

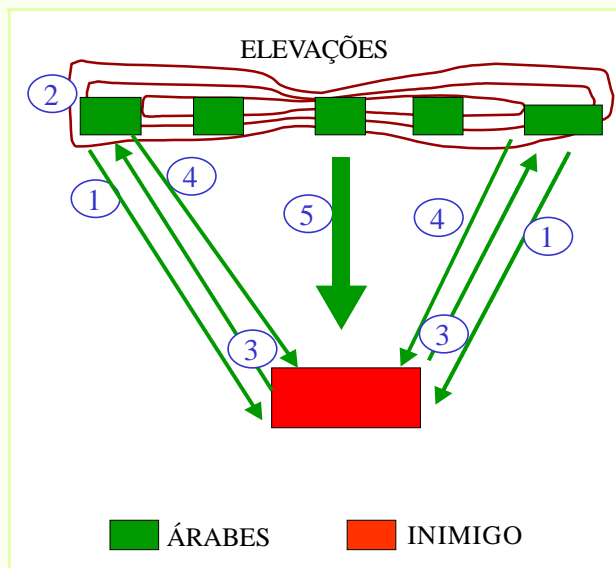
Mesmo não tendo êxitos em determinadas ocasiões, a força da fé levava-os a persistir em seus objetivos, fazendo com que lutassem até a vitória final, sem levar em conta o número de baixas. O saque, não condenado pelo islamismo, pois serviria para fortalecer a “Umma”, era outro atrativo para os combatentes.

Estrategicamente, os árabes inovaram ao utilizar camelos em suas campanhas. Estes possibilitavam que tropas árabes atravessassem regiões desérticas, consideradas intransponíveis por seus inimigos. Nas batalhas, os camelos, muito lentos e desajeitados, eram substituídos por cavalos.

CAVALEIRO ÁRABE



FORMA USUAL DE COMBATE ÁRABE

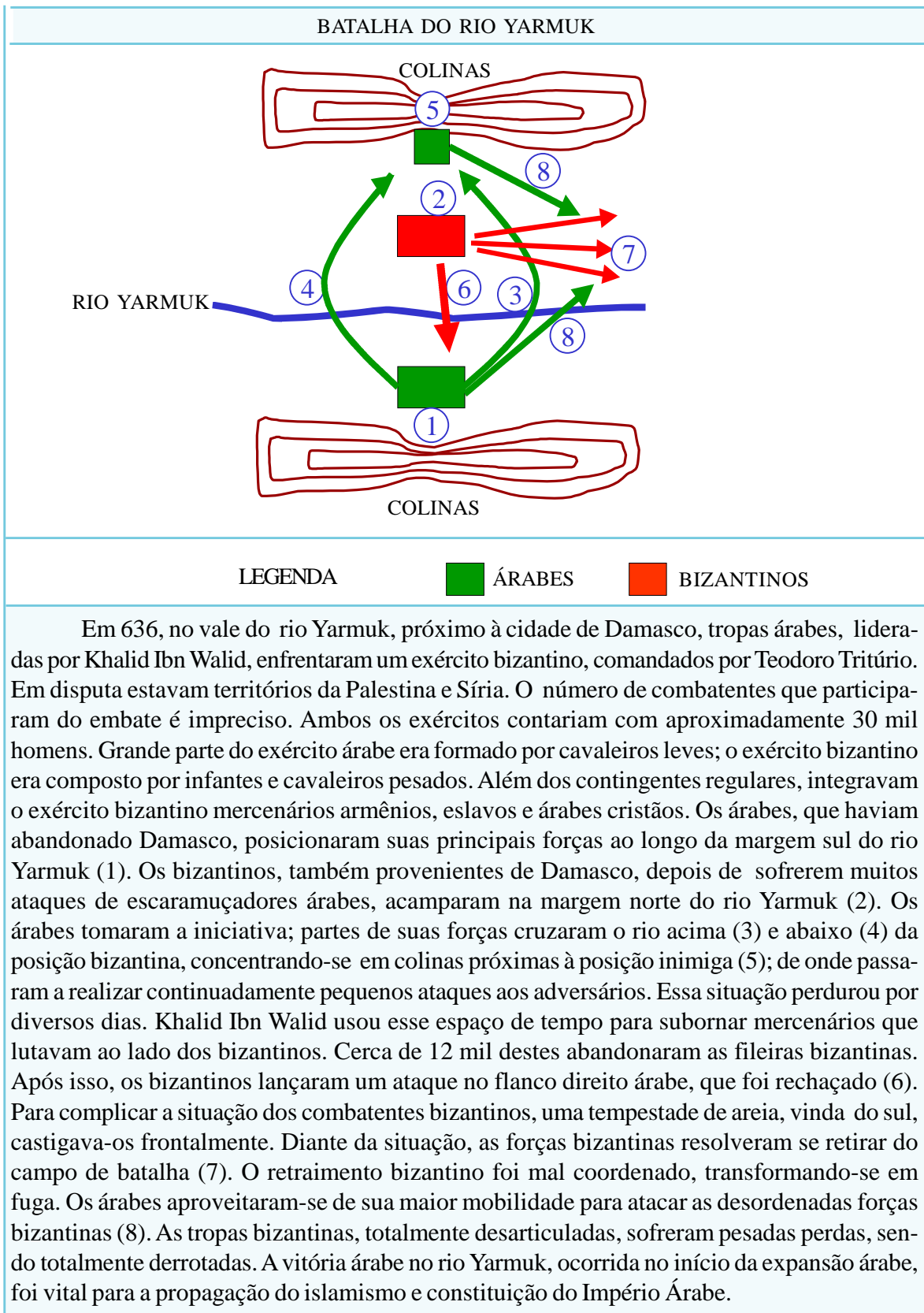


A tática dos árabes consistia no emprego de rápidos, incessantes e violentos ataques contra o inimigo, para desgastá-lo ao máximo (1). Para isso, utilizavam-se do terreno (2) e de sua maior mobilidade. Não hesitavam em se retirar do combate se a situação em determinado momento lhes fosse desfavorável (3), para logo depois, em melhores condições, voltar à carga (4). Quando o inimigo estivesse suficientemente enfraquecido, eles lançavam o ataque decisivo, com todas as forças (5).

Com o passar do tempo, os árabes buscaram aprimorar seus exércitos, copiando aspectos das doutrinas militares de outros povos (principalmente dos bizantinos). Desse modo, conseguiram melhorar seus métodos de sítio, de treinamento, de construção de fortificações, entre outros.

De maneira geral, os povos conquistados eram tratados com moderação. Podiam manter suas religiões e costumes, desde que não pegassem em armas contra os árabes e pagassem o tributo devido.

O declínio árabe iniciou-se no século VIII, fruto de diversas razões: os muçulmanos passaram a lutar entre si por questões religiosas e políticas; o fervor religioso, em muitos locais, arrefeceu-se; a expansão por meio militar acabara, barrada na Europa pelos francos, em Constantinopla pelos bizantinos, na Ásia Central pelos turcos, e na Índia e China por povos locais; e, finalmente, o império se dividiu em diversos califados, incapazes de resistir à pressão de povos inimigos (cristãos na Península Ibérica e Mar Mediterrâneo, turcos no Oriente Médio, entre outros).



Embora o Império Árabe tenha se extinguido, o Islã, rompendo barreiras de etnias e línguas, continuou a se expandir por meio de missionários, particularmente na Ásia e oeste da África, tornando-se uma força poderosa no cenário mundial. Um dos povos que detiveram a expansão árabe, os francos, teriam importância vital na Europa durante a Alta Idade Média.